

ARTISTA DOMES





METONÍMIA

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Gustavo Palma
Entrevista e texto: Raphael Maiffre
Diagramação: Carol Moraes e Munique Fonseca
Direção de arte: Carol Moraes e Munique Fonseca

DECLIVE

Realização: Downstage
Direção do projeto: Bia Vaccari
Produção executiva: Bia Vaccari
Direção criativa: Isadora Vianna
Fotografia: Eudig Zanon
Entrevista e texto: Fábio Forni
Diagramação: Carol Moraes e Munique Fonseca
Direção de arte: Carol Moraes e Munique Fonseca



E aí, gente

Essa edição demorou um pouquinho mais pra sair, mas tudo por conta da quantidade de carinho envolvido. **Tudo nela me encanta muito:** aqui trouxemos duas bandas com lançamentos do mês de fevereiro, uma super diferente da outra, mas **igualmente incrível** de se estar por perto.

Uma de *São Paulo*, outra do *Paraná*; uma do emo, outra do hardcore. Ambas com **um olhar muito sensível** transmitido para as fotos e texto, entregue duma forma 100% autoral e exclusiva para vocês.

Eu mal posso esperar pra saber o que vocês acharam dessa edição. **Realmente tá muito especial.**

Boa leitura,

Bia Vaccari

Editora-chefe e fundadora — Downstage

Foto: Gustavo Palma



ARTISTAS FOFOS



DECLIVE

E O QUE FICA APÓS A TRAVESSIA NO "VALE DA AFLIÇÃO"

down
stage

DECLIVE ★ TRANSFORMA INQUIETAÇÃO EM TRAVESSIA SONORA NO EP "VALE DA AFLIÇÃO"



Banda trata novo trabalho como **jornada contínua**, entre rupturas pessoais, tensão política e catarse coletiva no hardcore

A **Declive** é a escolhida do mês e chega com um trabalho que amplia os próprios limites. No EP Vale da Aflição, a banda abandona a lógica de faixas isoladas e constrói uma narrativa contínua, marcada por travessias internas, tensão política e transformação.

Formada por **Gueorgue Soares** (vocalis), **Guilherme Tanamati** (guitarra), **Renato Rossi** (guitarra), **Carlos Baia** (bateria) e **Lucas Redekopp** (baixo), amigos de longa data, a Declive nasceu de um encontro quase inevitável.

“**OLHANDO PARA TRÁS, PARECE QUE ERA SÓ UMA QUESTÃO DE TEMPO ATÉ NOS REUNIRMOS PARA TOCAR JUNTOS.**”

Desde o início, o projeto foi entendido como um organismo em movimento, sem compromisso com fórmulas fixas, mas com fidelidade absoluta à honestidade artística. “Se a música não fosse verdadeira para o que estávamos vivendo, ela simplesmente não faria sentido em existir.”







"VALE DA AFLIÇÃO":

A concepção de **"Vale da Aflição"** como travessia surgiu do próprio material. Segundo a banda, as músicas já dialogavam entre si de forma orgânica, como capítulos de uma mesma experiência emocional. O **"vale"** deixou de ser apenas metáfora para se tornar um **espaço simbólico de deslocamento, tensão e transformação.**

UMA JORNADA COMPLETA, NÃO APENAS UM EP

Em vez de fragmentar o conteúdo em singles desconectados, a **Declive** optou por respeitar a progressão interna das composições. O resultado é um trabalho que exige escuta atenta, quase contemplativa. Um disco que pode ser experienciado como percurso.





SIMBOLISMO E RUPTURA NO CLIPE DE "RUPTURA"

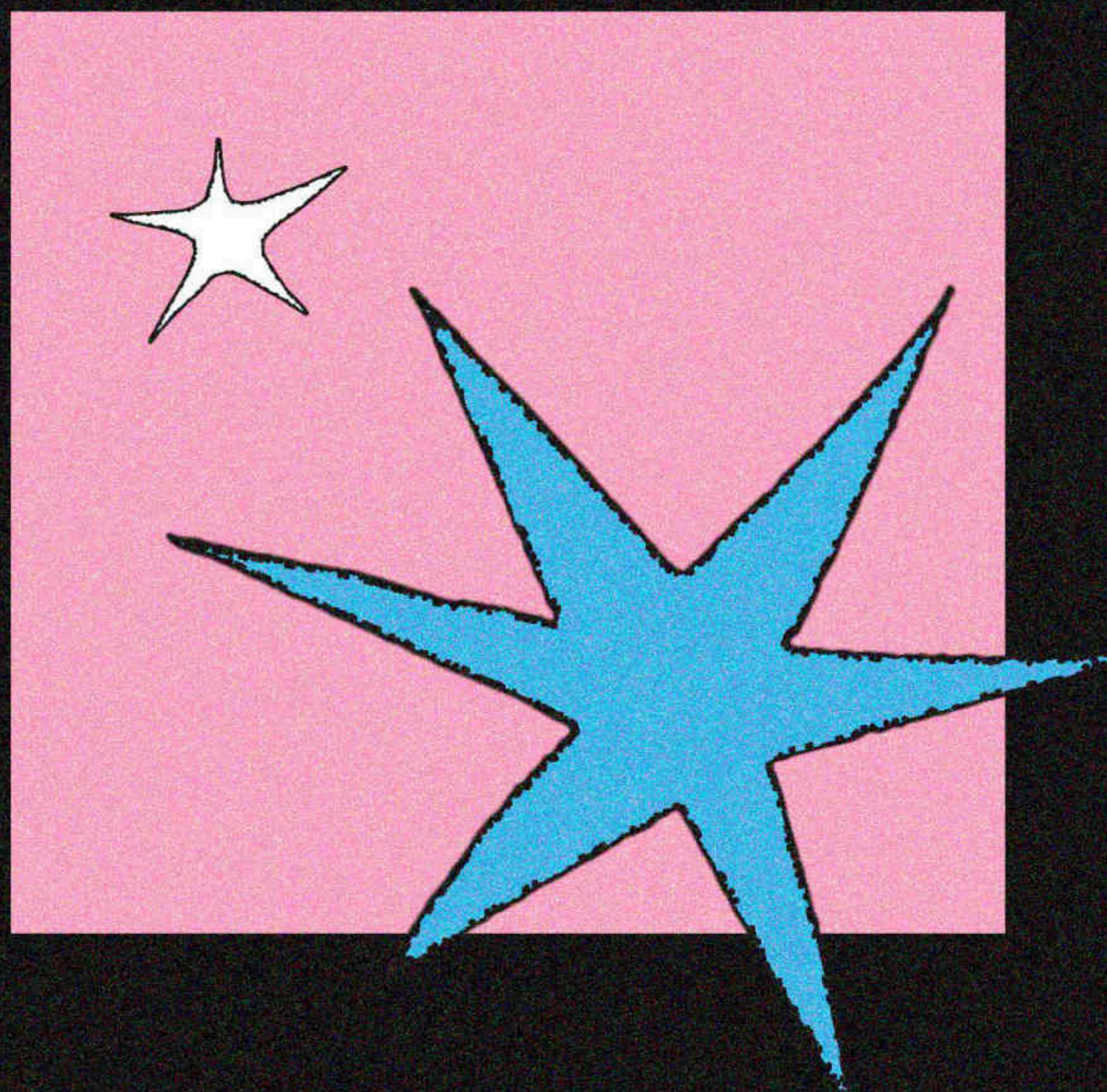
No clipe de **Ruptura**, a banda reforça visualmente o gesto de transformação. Girassóis em decomposição, peles de cobra abandonadas e um altar na floresta compõem um cenário carregado de simbolismo.

A decisão de revisitar elementos de fases anteriores foi consciente.

EXISTE, SIM, UM GESTO DE ENCERRAMENTO ALI. NÃO COMO NEGAÇÃO DO PASSADO, MAS COMO RECONHECIMENTO DE QUE ELE CUMPRIU O PAPEL QUE PRECISAVA CUMPRIR.

comenta **Lucas**, baixista da banda.

As peles representam crescimento; os girassóis, transformação; o altar, transição. Em vez de apagar o que ficou para trás, a banda escolhe ressignificar.







POLÍTICA E COLETIVIDADE EM “CÉU VERMELHO”

Se grande parte do EP parte de travessias internas, **“Céu Vermelho”** amplia o horizonte para uma dimensão coletiva e política, com influência direta do que acontece na **Palestina**. A banda admite o peso de abordar um tema urgente e doloroso, mas afirma que **o silêncio seria ainda mais insustentável**.

“NÃO FALAMOS COMO ESPECIALISTAS, MAS COMO PESSOAS AFETADAS.”

Para eles, não existe conflito interno isolado do mundo: **o sofrimento coletivo atravessa o indivíduo, gerando indignação e revolta que, inevitavelmente, encontram expressão na música.**



“CEMITÉRIO DE ELEFANTES” E A DISSOLUÇÃO DA IDENTIDADE

O encerramento vem com **“Cemitério de Elefantes”**, faixa que termina com a pergunta **“Quem sou?”**. A música aborda o momento-limite em que permanecer pode ser mais destrutivo do que partir, quando afastar-se torna-se uma questão de sobrevivência emocional.

Segundo os integrantes, todos viveram, de formas diferentes, processos semelhantes durante a composição. A dissolução da identidade, o luto silencioso e a necessidade de reinvenção atravessam o EP. **“REINVENTAR-SE DEIXOU DE SER OPÇÃO E PASSOU A SER NECESSIDADE.”**



DO SILÊNCIO À CATARSE COLETIVA NOS SHOWS



Embora Vale da Aflição possa soar como um disco para ser ouvido sozinho, no escuro, a Declive acredita que o material também encontrará potência nos palcos. **Nem toda catarse é barulhenta, algumas são densas, quase contidas.**

A proposta ao vivo é transformar a indignação individual em revolta coletiva consciente. Se o EP nasce de um ponto de vista íntimo, o palco surge como espaço onde o peso deixa de ser solitário e passa a ser **compartilhado**.



AAK RECORDS

PELE
10

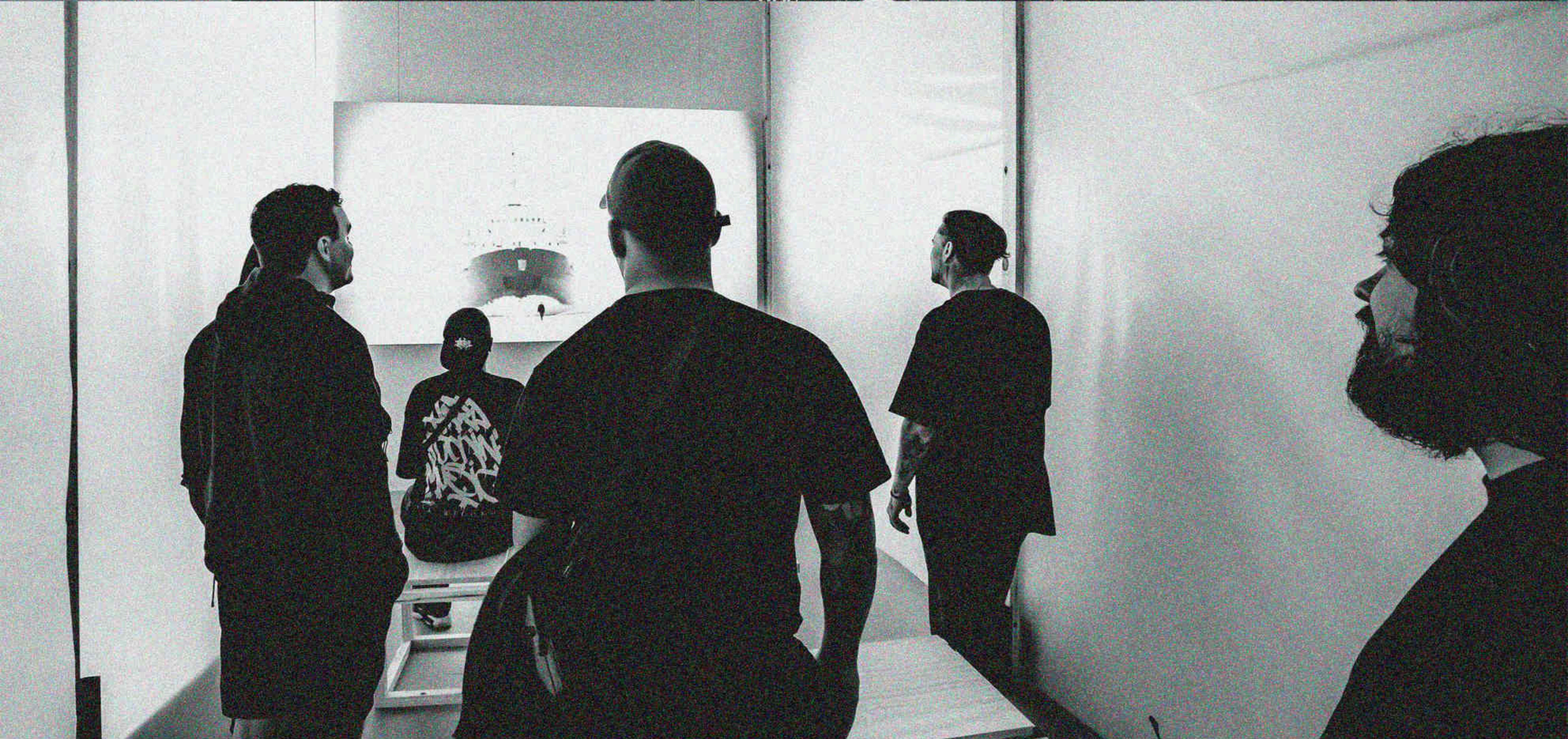


O QUE FICA APÓS A TRAVESSIA

Ao olhar para trás, a banda reconhece que saiu diferente do processo. **"Com menos ilusões e mais clareza."** A dor não resolveu conflitos, mas reorganizou o caos interno. O aprendizado maior foi confiar no tempo das músicas e aceitar o desconforto como parte essencial do caminho.

Agora, o objetivo é deixar o EP respirar. Levar as faixas para diferentes cidades, observar como se transformam ao vivo e permitir que encontrem o público. **A divulgação também foi pensada como jornada, com clipes, visualizers e materiais que expandem o universo do trabalho.**

Sem pressa e sem intenção de repetir fórmulas, a **Declive** segue interessada em novas travessias. O próximo terreno ainda é desconhecido e isso, para a banda, faz parte do processo. Afinal, nem toda jornada começa com um mapa. **Algumas começam apenas com a disposição de caminhar.**



ARTISTAS DO MÊS



METONÍMIA

TRANSFORMA ROTINA, MEMÓRIA E AFETO EM CANÇÃO





Surgida na Zona Leste de São Paulo, a **Metonímia** faz parte da nova geração de bandas que vêm movimentando a cena emo brasileira.

Formada por **Gustavo "Botelho"** (baixo e vocal), **Rafael "Delgado"** (guitarra), **Miguel "Combuí"** (guitarra) e **Ayla "Dantas"** (bateria), a banda nasceu de forma bastante orgânica dentro da própria circulação do **underground paulistano**.

A ideia do grupo começou a tomar forma no início de **2024**, pouco depois de um evento do projeto **Banda de Casinha**, conhecido por revelar novos nomes da cena independente. **Botelho** e **Ayla** estavam no show e acabaram se conectando pelas redes sociais logo depois.

A INTENÇÃO
ERA SIMPLES:

MONTAR UMA
BANDA DE
MIDWEST EMO.



“Eu tweetei que queria montar uma banda nesse estilo, meio que esperando ele responder”, lembra Ayla. “E aí a gente começou a conversar e resolveu tentar.”

O guitarrista **Rafael** foi o primeiro a entrar no projeto, seguido por **Miguel** alguns meses depois. Antes disso, a banda chegou a funcionar por um tempo como um power trio, ainda tentando encontrar uma direção musical.

“Quando o Miguel entrou foi quando a gente conseguiu levar pra frente a primeira música de verdade da banda, que foi ‘Terminal Vila Carrão’”, conta **Botelho**.

Além da afinidade musical, os integrantes também compartilham outra coincidência: praticamente todos cresceram na mesma região da cidade.

“Todo mundo é da Zona Leste, mais especificamente da Vila Formosa”, explica o baixista. “Foi uma surpresa descobrir que a Ayla morava praticamente no mesmo bairro que a gente.”





ATEN
lão s
porta

INFLUÊNCIAS ALÉM DO EMO QUE VÃO AÍ

Embora o som da **Metonímia** dialogue diretamente com a estética do **Midwest Emo**, as influências da banda vão bem além do gênero.

Para Botelho, nomes como *Joyce Manor* e *Mom Jeans* ajudaram a moldar a sonoridade inicial do grupo.

JOYCE MANOR FOI UMA INFLUÊNCIA MUITO GRANDE NO COMEÇO. AQUELA PEGADA MAIS POP PUNK ACABOU APARECENDO BASTANTE NAS PRIMEIRAS MÚSICAS.

Já **Rafael** busca referências fora do universo tradicional do rock.

“Eu tento pegar ideias de outros lugares, tipo música eletrônica. Aphex Twin, Daft Punk... às vezes alguma melodia ou textura diferente pode funcionar dentro do emo também.”

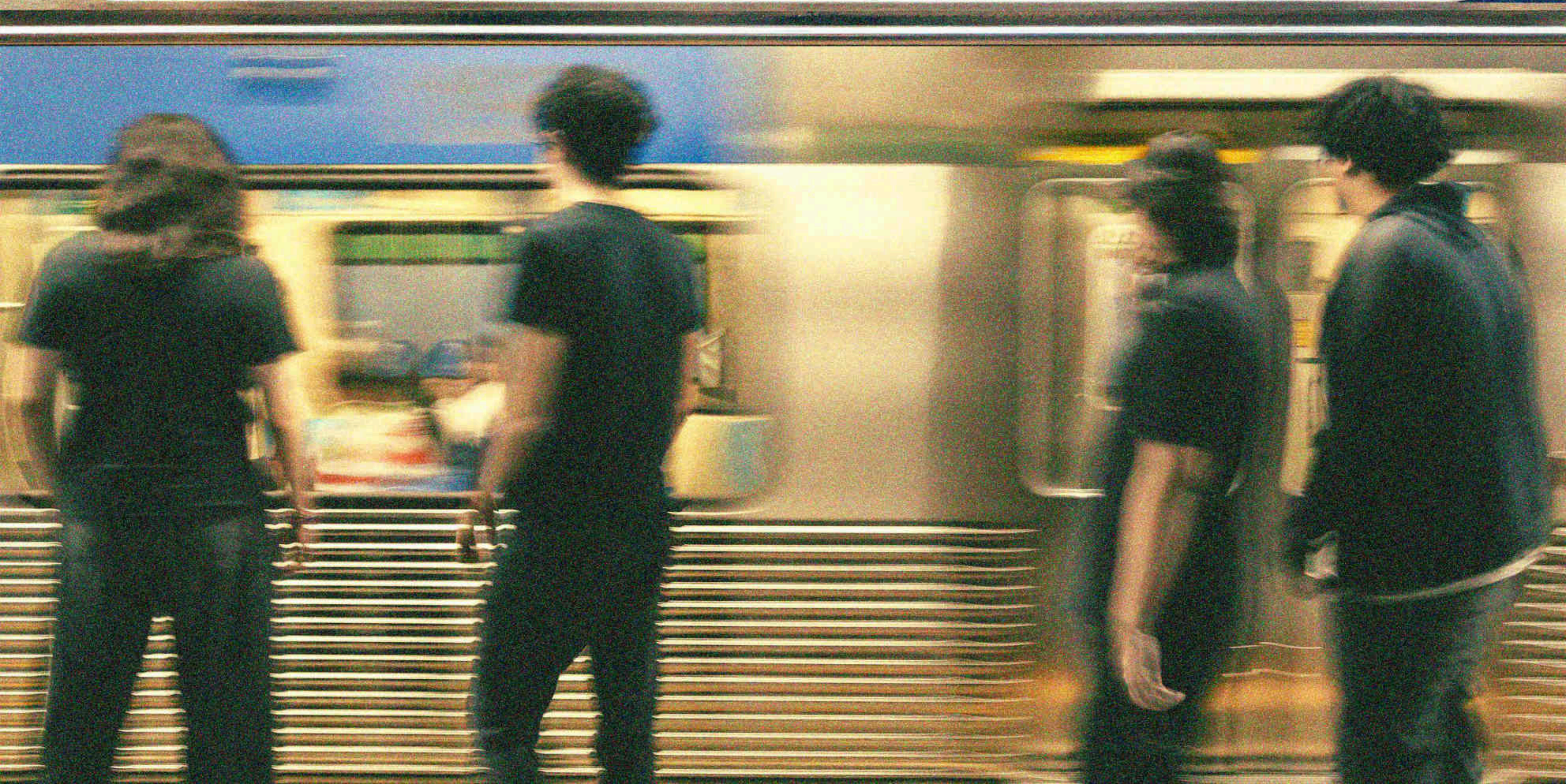
Miguel segue uma linha parecida, mas aponta outra influência importante: a música brasileira.

“Eu escuto muita coisa nacional. Uma banda que me inspira bastante é a Lupe de Lupe. Acho que algumas músicas nossas acabam indo um pouco nessa direção.”

Segundo os integrantes, esse diálogo com referências brasileiras tem se tornado cada vez mais comum dentro da nova geração da cena.

“Hoje muita banda está misturando ritmos brasileiros com emo”, comenta **Ayla**. **“É algo que faz sentido pra gente também.”**





O PRIMEIRO EP É O INÍCIO DA IDENTIDADE DA BANDA



O EP de estreia da **Metonímia** reúne cinco músicas compostas nos primeiros meses de existência da banda. Para os integrantes, o trabalho funciona quase como um retrato desse período inicial de descoberta.

“As músicas foram feitas em momentos diferentes e a gente ainda estava tentando entender qual era a nossa identidade”, explica **Botelho**. **“Por isso acabou sendo um EP sem um conceito muito definido.”**

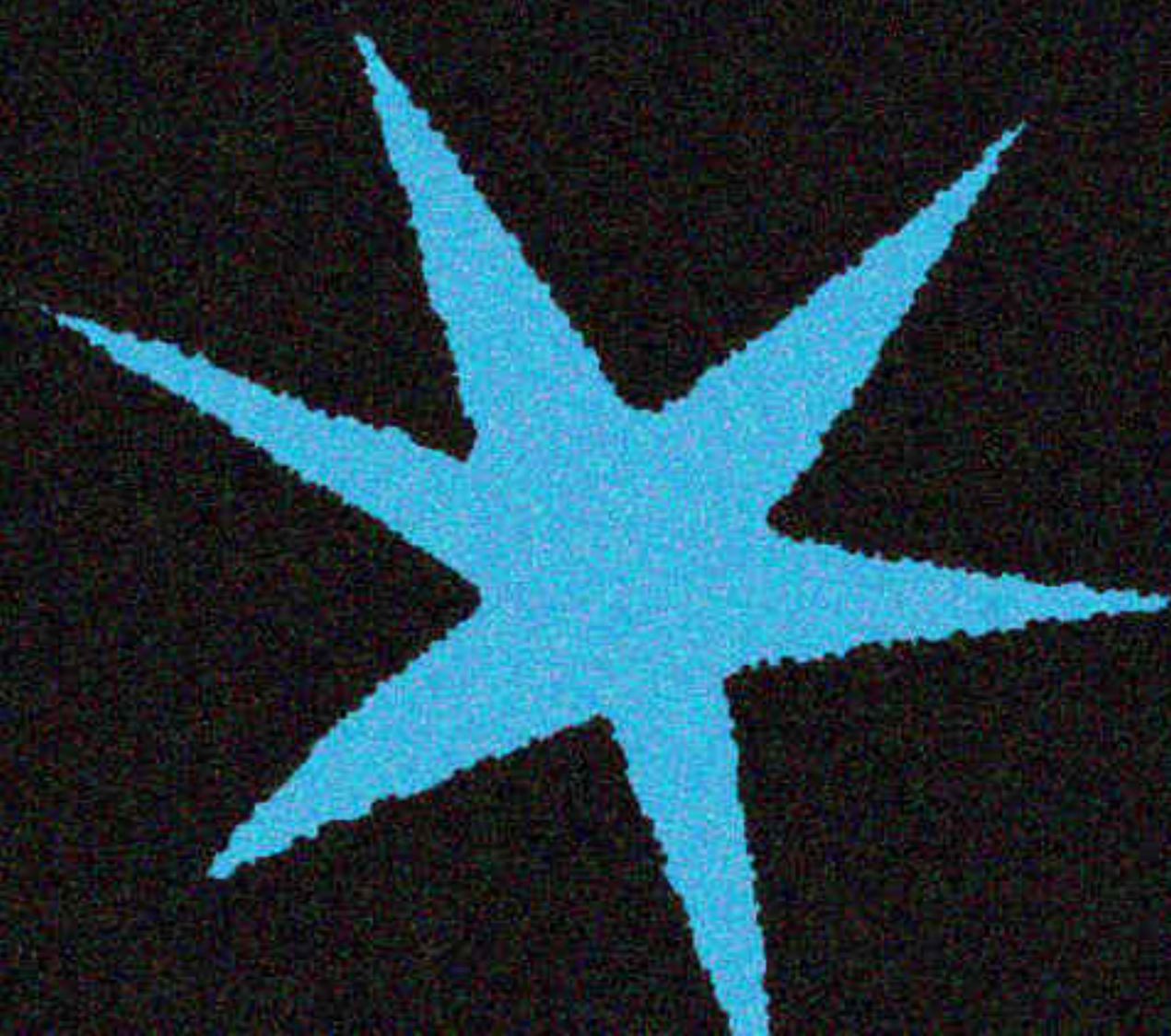
Mesmo assim, o processo de gravação acabou transformando a percepção da banda sobre algumas faixas.

“Tudo Que Você Não Disse”, por exemplo, era uma música que gerava dúvidas nos ensaios por causa das mudanças de dinâmica.

“Quando a gente começou a gravar e organizar melhor os instrumentos, ela ganhou uma cara completamente diferente”, conta **Rafael**. **“Acabou virando uma das minhas favoritas.”**

Algo parecido aconteceu com *“31 de Maio”,* que também passou por uma transformação durante a produção.

“A demo que a gente tinha era bem crua”, lembra **Miguel**. **“Quando gravamos de verdade, a música finalmente ficou com a cara da banda.”**



HISTÓRIAS PESSOAIS NAS LETRAS

Se instrumentalmente a banda ainda estava experimentando, nas letras as músicas já traziam histórias bastante pessoais.

"Terminal Vila Carrão", uma das primeiras composições do grupo, nasceu de uma experiência de desilusão amorosa vivida por Botelho durante a época da escola.

A música mistura referências urbanas com memórias daquele período.

"Era sobre uma garota de quem eu gostava muito, mas que eu idealizava completamente", conta. **"Quando comecei a conhecer ela de verdade, percebi que não era nada daquilo que eu imaginava."**

Depois de confessar os sentimentos e não ser correspondido, ele passou a evitar encontrá-la, inclusive mudando a rotina no caminho para a escola.

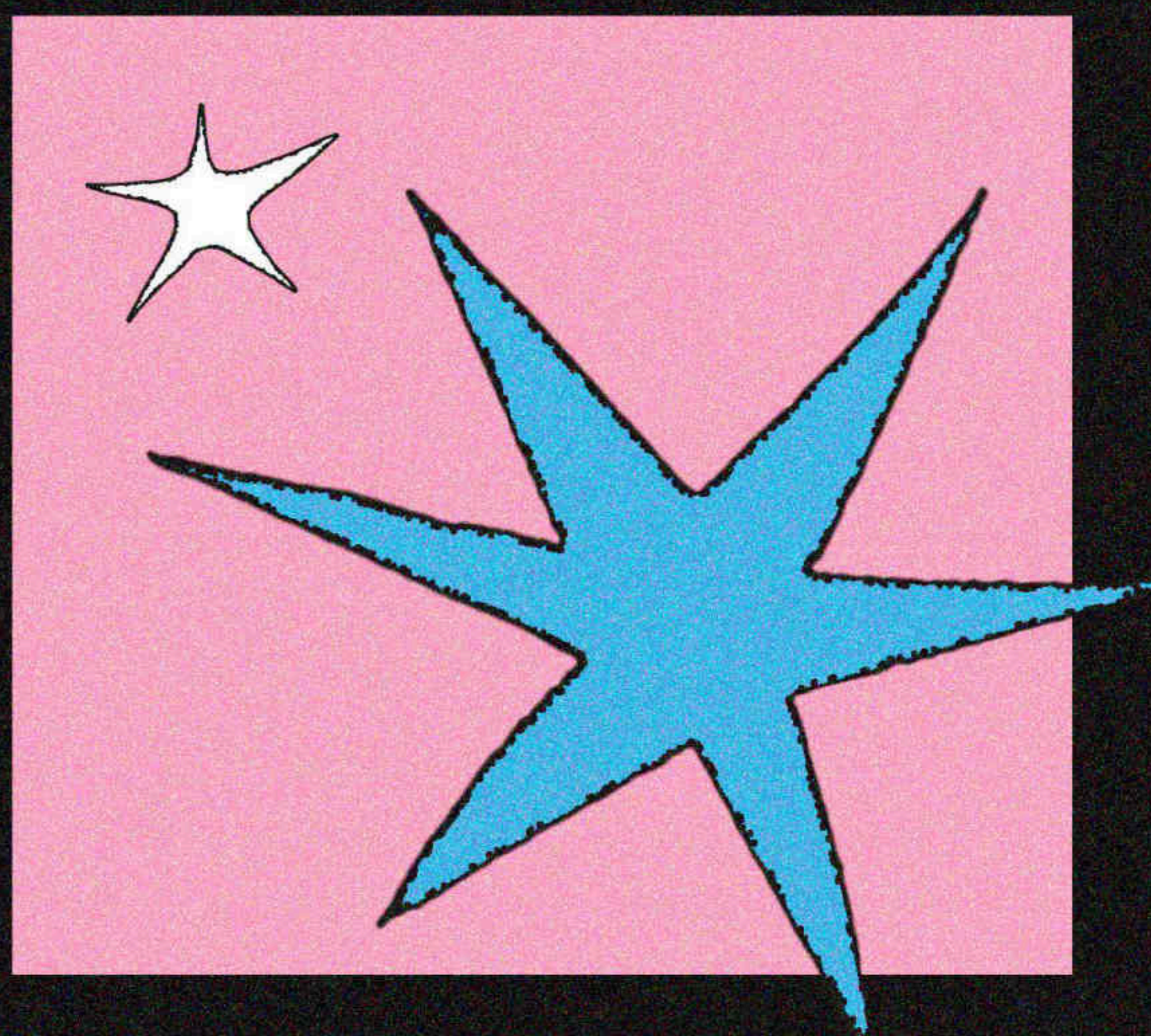
EU PEGAVA OUTRO ÔNIBUS SÓ PRA NÃO ENCONTRAR COM ELA. ERA UM TRAJETO MAIS LONGO, MAS EVITAVA AQUELE CONSTRANGIMENTO.

Já *"31 de Maio"* aborda um tema bem mais delicado: o alcoolismo dentro da família. A música foi inspirada na relação de Botelho com o pai, que enfrentou problemas com bebida durante muitos anos.

"O título é o dia em que eu recebi a notícia de que ele seria internado em uma clínica de reabilitação", explica.

A letra fala sobre distância emocional e sobre a sensação de conhecer alguém apenas através de histórias do passado.

ÀS VEZES VOCÊ OUVE QUE SEU PAI ERA UMA PESSOA INCRÍVEL EM OUTRA FASE DA VIDA, MAS VOCÊ NÃO CONHECEU ESSA VERSÃO DELE.





Exit
Saída

america

MODERN
BASEBALL



A FORÇA DA C E N A UNDERGRO U N D

Assim como muitas bandas da nova geração, a **Metonímia** cresceu dentro da própria cena underground.

Eventos independentes como o **Banda de Casinha** ajudaram o grupo a criar conexões e conquistar seus primeiros públicos.

“Tocar lá foi muito especial porque era um palco que a gente já frequentava como público”, lembra **Rafael**.

Para **Botelho**, foi um momento simbólico na trajetória da banda.

A GENTE SEMPRE IA NESSES EVENTOS PARA ASSISTIR ÀS BANDAS. SUBIR NAQUELE PALCO PELA PRIMEIRA VEZ FOI MUITO MARCANTE.

Além dos shows, a convivência com outras bandas também ajudou a fortalecer a comunidade ao redor da cena.

“Você começa a fazer amizade com outras bandas, compartilhar experiências, marcar shows juntos”, comenta **Ayla**. **“Isso acaba criando uma rede muito forte.”**





REDES NOVOS SOCIAIS E CAMINHOS

Outro fator que tem facilitado o crescimento de bandas independentes é o uso das redes sociais.

Segundo **Botelho**, a **Metonímia** percebeu rapidamente o impacto que uma estratégia de divulgação pode ter.

“No começo a gente só postava as músicas. Depois que começamos a investir mais em divulgação, vimos como o alcance muda.”

Para ele, a internet acabou democratizando o acesso à música independente.

HOJE É MUITO MAIS FÁCIL LANÇAR UMA DEMO NO SOUNDCLOUD OU ALCANÇAR PESSOAS QUE TALVEZ NUNCA OUVIRIAM A BANDA DE OUTRA FORMA

it

aída



Aguarde o trem antes da faixa amarela

OLHANDO PARA O FUTURO



Depois do lançamento do EP, a **Metonímia** já começa a pensar no próximo passo da carreira.

A banda trabalha atualmente em novas composições que devem formar um álbum completo.

A ideia é construir um trabalho *mais coeso, tanto musicalmente quanto conceitualmente*.

“Queremos que as músicas conversem entre si e formem uma obra mais fechada”, explica **Rafael**.

Os temas devem continuar girando em torno das experiências da juventude e da transição para a vida adulta, algo que todos os integrantes estão vivendo neste momento.

“É muito sobre essa fase de mudança”, diz o guitarrista. **“Saindo da adolescência, lidando com responsabilidades, faculdade... tudo isso acaba virando música.”**

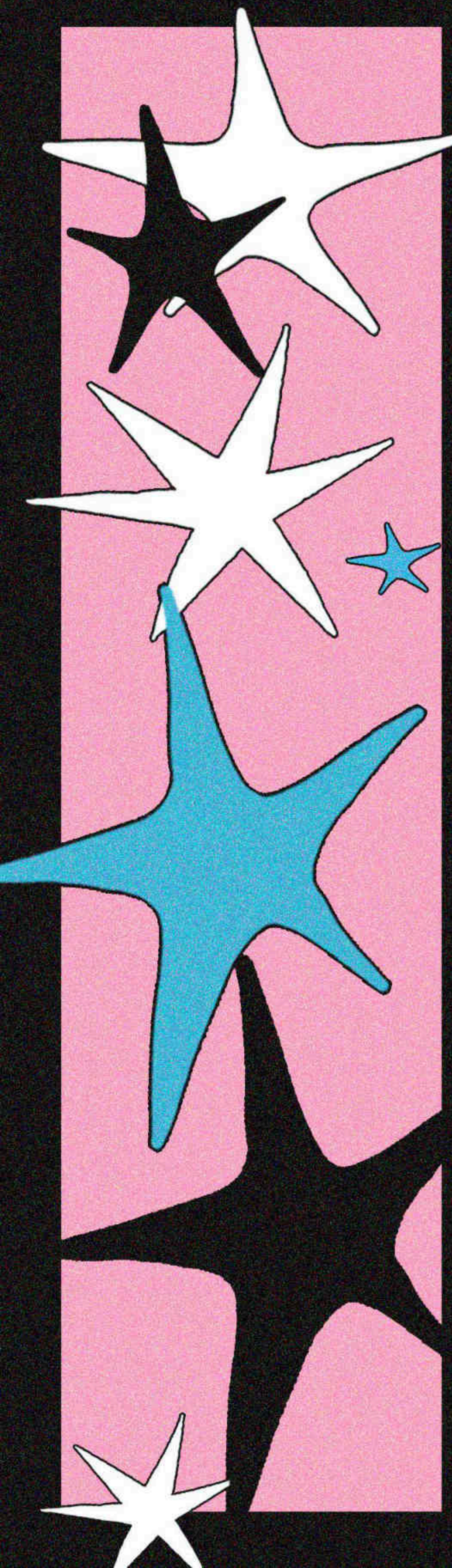
Enquanto o álbum ainda toma forma, a banda também tem outro objetivo claro: *sair da bolha paulistana e levar o som para outras cidades*.

“São Paulo tem muitos shows e acaba sendo confortável ficar aqui”, admite **Botelho**. **“Mas a gente quer tocar em outros lugares, conhecer outras cenas.”**

E se depender da energia da nova geração do emo brasileiro, a **Metonímia** parece pronta para seguir ampliando seu espaço.



down stage



ARTISTAS
DO MÊS
ARTISTAS
DO MÊS
ARTISTAS
DO MÊS
ARTISTAS
DO MÊS

METONÍMIA

DECLIVE